

“VULNERABILIDADES E REDES DE SOLIDARIEDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA: o caso de Paraisópolis-SP”

Palavras-chaves: Pandemia de Covid-19; Vulnerabilidade em Periferias Urbanas; Autogestão Comunitária

Joabi dos Santos Silva – Instituto de Geociências (IG) – UNICAMP;
Prof^ª. Dr.^a Leda Maria Caira Gitahy – Instituto de Geociências (IG) – UNICAMP.

1. APRESENTAÇÃO

Somente no Brasil, a pandemia de Covid-19 vitimou mais de 670 mil pessoas e seu enfrentamento foi marcado por discordâncias e pela desarticulação entre os diferentes níveis de poder, no que tange às medidas de prevenção. No caótico contexto do país, emergiu como ponto fora da curva a comunidade de Paraisópolis¹ - a segunda maior favela de São Paulo, localizada na Zona Sul do município, com uma população superior a 100 mil habitantes distribuídos em 10 mil km². Apesar de figurar como um local vulnerável, Paraisópolis chegou, em certos momentos, a controlar a pandemia de maneira mais eficiente do que o município de São Paulo (INSTITUTO POLIS, 2020): em meados de maio de 2020, a mortalidade por Covid-19 na comunidade era de 21,7 pessoas para 100 mil habitantes, ao passo que na cidade de São Paulo, esse mesmo dado era de 56,2.

O sucesso da comunidade, dentro de suas possibilidades, chama a atenção. Nesse sentido, a presente pesquisa descreve as iniciativas que viabilizaram o êxito na localidade e apresenta um mapa de atores envolvidos no processo, com base em Latour (2012). Também alinha a análise a respeito dessa experiência ao marco teórico decolonial e pós-colonial, discutindo aspectos tais como a invisibilização das populações e as estratégias de resiliência baseadas na autogestão comunitária e na solidariedade.

Esta pesquisa integrou-se às atividades do Laboratório de Tecnologias e Transformações Sociais (LABTTS) do Departamento de Política Científica e Tecnológica do Instituto de Geociências da Unicamp (DPCT/IG). Além disso, alinou-se ao projeto “*ENDURE: Inequalities, Community Resilience and New Governance Modalities in a Post-Pandemic World*”, uma plataforma que integra 15 instituições de 12 países, examinando as consequências de curto e longo prazos da Covid-19 e prevendo uma visão holística para o estudo sobre a pandemia e seus desdobramentos.

2. OBJETIVOS e METODOLOGIA

A presente pesquisa almejou verificar **as estratégias de mobilização e de enfrentamento à pandemia de COVID-19 adotadas na comunidade de Paraisópolis (São Paulo-SP)**, identificando atores e processos de autogestão comunitária no período de crise. Com duração de 12 meses, este estudo de caso teve um caráter predominantemente qualitativo. Para atingir os objetivos, a condução das atividades se deu em três etapas: 1) Revisão de literatura e levantamentos quantitativos complementares; 2) Estudo de caso da favela de Paraisópolis-SP; 3) Refinamento e disseminação de resultados. Nos seis primeiros meses desenvolveu-se a primeira etapa, ao passo que as demais se deram nos seis meses finais.

A primeira etapa de pesquisa consistiu na organização de um banco de dados em ambiente virtual (Google Drive), visando alocar as referências bibliográficas e facilitar o seu acesso. Foi realizado o levantamento de literatura, em bases tais como Scopus e Google Acadêmico, e revisão bibliográfica. Dentre os artigos, foram reunidas abordagens sobre temas tais como a teoria decolonial e pós-colonial (RESTREPO & MARTÍNEZ, 2010; SANTOS & MENESES, 2009), o conceito de “Redes de

¹ Cf. em

<https://cultura.uol.com.br/noticias/39616_comunidade-de-paraisopolis-completa-100-anos-de-historia-nesta-quinta-feira-16.html>. Acesso em: 18 de julho de 2022.

Solidariedade” (DIAS & GITAHY, 2021), além de informações quantitativas sobre a relação entre vulnerabilidade social e pandemia (PNADs Contínua).

A segunda etapa debruçou-se sobre o caso de Paraisópolis. Em um primeiro momento, buscou compreender o contexto local e as estratégias de autogestão comunitária adotadas para mitigar o avanço e os impactos da pandemia. Em seguida, a investigação se apoiou na Teoria Ator-Rede para mapear os atores atuantes na comunidade e suas ações no combate à pandemia. Foram seguidos oito atores - entre lideranças e instituições, através dos seus sites - cujas narrativas foram sistematizadas e divididas nas seguintes categorias temáticas: vulnerabilidade, autogestão comunitária e dificuldades de gestão.

Vale observar que a Teoria Ator-Rede não se prende a noções cristalizadas sobre os grupos sociais, buscando rastrear as conexões entre os atores. O ator, que pode ser humano ou não humano, “não é a fonte de um ato e sim o alvo móvel de um amplo conjunto de entidades que enxameiam em sua direção” (LATOURET, 2012, p. 75). Nesse sentido, Latour coloca o foco nas articulações entre os atores, em meio ao perpétuo movimento e incertezas que compõem a dinâmica do mundo social. No caso de Paraisópolis, seguir os atores permitiu identificar aqueles que falam sobre a experiência, o que falam, os principais temas abordados e as conexões entre os discursos.

A terceira etapa consistiu na disseminação dos resultados de pesquisa. Estes foram partilhados no âmbito do LABTTS, através de palestra ministrada na disciplina de graduação GE702B - História e Teoria das Organizações e da produção de um podcast, que será divulgado para além da academia. A partilha de resultados também se deu no âmbito do projeto ENDURE e, atualmente, encontra-se em construção um resumo em coautoria, a ser submetido a um evento científico a ser definido.

4. MARCO TEÓRICO E CONTEXTUALIZAÇÃO

4.1 Apontamentos Sobre o Marco Teórico

No que diz respeito às relações entre os diferentes saberes, Ndlovu (2017), destaca que vivemos em um mundo caracterizado pela ocorrência de diálogos verticais, isto é, diálogos hierarquizados. Frequentemente, os conhecimentos de origem moderna ocidental são tratados como válidos e universalizáveis. Já em relação aos saberes provenientes do mundo não acadêmico, como aquele necessário para os processos de autogestão comunitária aqui tratado, por exemplo, verifica-se uma desvalorização perante os conhecimentos científicos e para a consolidação de políticas públicas.

Pensando na construção de uma nova realidade, Santos e Meneses (2009) propõem o conceito de “ecologia de saberes”, que, na prática, significa um diálogo horizontal entre os saberes oriundos de diferentes realidades. A horizontalidade nos diálogos implicaria no reconhecimento de conhecimentos oriundos de diferentes partes; sejam elas modernas ocidentais ou não; sejam esses conhecimentos formados na academia ou não. Boaventura de Sousa Santos (2006) chama de “desperdício de experiências” o descarte de saberes provenientes das populações periféricas, que são sistematicamente invisibilizados pelos espaços canônicos de produção de conhecimento. Portanto, a ecologia de saberes visa tornar mais democrática a troca de saberes.

A relação vertical e hierárquica entre os diferentes saberes encaixa-se no que a teoria decolonial denomina como “colonialidade”, sendo uma das suas faces a “Colonialidade do saber”. Segundo Restrepo & Martínez (2010), a colonialidade

es un fenómeno histórico {...} que se extiende hasta nuestro presente y se refiere a un patrón de poder que opera a través de la naturalización de jerarquías territoriales, raciales, culturales y epistémicas, posibilitando la re-producción de relaciones de dominación (RESTREPO & MARTÍNEZ, 2010, p. 15).

Portanto, configura-se como uma continuação das relações de dominação e exploração, que foram estabelecidas durante o colonialismo. Isso significa que a colonização nos moldes do passado pode ter acabado, mas as formas de dominação e exploração ainda estão vigentes, mantendo o controle do ocidente sobre o mundo não-ocidental. Segundo Restrepo e Martínez (2010), o controle ocidental assume, por meio da colonialidade, três dimensões: colonialidade do ser, do saber e do poder.

A colonialidade do ser desvaloriza a existência do sujeito não-ocidental, colocando-o como inferior. Isso se dá, por exemplo, ao se apresentar o sujeito ocidental como “moderno” e o sujeito não-ocidental como “menos moderno”, portanto atrasado (isso quando não questiona a própria humanidade e intelecto do ser não-ocidental). Já a colonialidade do saber atua na desvalorização dos conhecimentos não-ocidentais, em detrimento dos ocidentais – o que, conforme já apresentado, significa enxergar os últimos como os únicos capazes de ser válidos, autênticos, universais. A colonialidade do

poder refere-se às formas de dominação (em um sentido político) que o ocidente encontrou, após o colonialismo, para manter seu domínio sobre o mundo não-ocidental, satisfazendo seus interesses.

Portanto, vivemos em um mundo onde predomina a lógica da colonialidade e suas hierarquias cristalizadas a partir do processo histórico de colonização. A ecologia de saberes representa a possibilidade de criação de uma nova relação entre os distintos conhecimentos, abrindo possibilidades para construção de um mundo mais democrático e para novos aprendizados.

4.2 Paraisópolis e o Combate à Pandemia

Paraisópolis é uma comunidade periférica e centenária da cidade de São Paulo – SP, localizada no distrito da Vila Andrade, na parte sul da cidade. Atualmente, a comunidade possui uma população superior a 100 mil habitantes distribuídos em uma área de 10 mil km², o que a configura como a segunda maior comunidade da cidade de São Paulo, sendo superada apenas por Heliópolis.

Segundo Maffra (2012), as origens da comunidade estão relacionadas ao crescimento da cidade de São Paulo, que atraiu imigrantes em busca de melhores condições de vida, sobretudo oriundos da região Nordeste. Segundo a autora, o espaço em que surgiu a comunidade era um antigo loteamento da fazenda Morumbi, destinado à elite paulistana. Devido às características do terreno, muito acidentado, essa elite não ocupou os lotes após as aquisições, deixando-os ociosos. Nesse contexto, terceiros passaram a ocupar os terrenos para exercer atividades ligadas, sobretudo, à pecuária. Somente com a chegada dos imigrantes nordestinos nos anos 1920 que o sentido da ocupação passa a ser residencial.

No que tange ao combate à pandemia na comunidade, as ações foram coordenadas por meio de atores/instituições locais, cujas atuações permitem relacioná-las ao conceito de Redes de Solidariedade. Para Dias e Gitahy (2021), estas são “iniciativas coletivas de cidadãos de todas as idades, profissões e crenças, associações, movimentos sociais, organizações da sociedade civil, universidades e instituições públicas e privadas para defender a vida”.

Dentre os atores atuantes na comunidade, destacamos o grupo G10 Favelas, coordenado pelo líder comunitário Gilson Rodrigues (carinhosamente aclamado como o “prefeito de Paraisópolis”). O grupo se define como um “bloco de Líderes e Empreendedores de Impacto Social das Favelas” que uniram forças para trabalhar em prol do desenvolvimento econômico e do protagonismo das comunidades. Um aspecto interessante e curioso do grupo é a sua inspiração em blocos econômicos, que se manifesta na esfera organizacional; nesse sentido, o grupo realiza “encontros regulares e termos de cooperação para que exista uma colheita de dados, acompanhamento das ações propostas e que seja mensurado o real impacto social e crescimento gerado pelo Bloco e seus parceiros” (G10 das FAVELAS). Ao longo das investigações, constatou-se que este grupo foi o principal ator atuante na comunidade, coordenando ações conjuntas com outros atores, visando mitigar os impactos da pandemia.

O conjunto de ações desenvolvidas pelo grupo só foram concretizadas por meio de doações angariadas com auxílio dos portais do grupo na web e através de campanhas de levantamento de fundos. Envolveram a produção e distribuição de marmitas; distribuição de cestas básicas e materiais de higiene; a contratação de ambulâncias e equipes médicas para atuarem na comunidade; a nomeação de presidentes de rua, cuja finalidade é atender e acolher as famílias em diversos aspectos, como o alimentar e o de saúde.

Além disso, em ação coordenada com o projeto Costurando Sonhos, o G10 Favelas viabilizou a produção de máscaras de proteção fácil, que foram distribuídas na comunidade durante os períodos mais críticos da pandemia. O G10 Favelas também conseguiu adaptar duas escolas estaduais locais para prestarem apoio à comunidade e para receberem os infectados pela covid, possibilitando o isolamento social; dentre outras. Além do Costurando Sonhos, verificou-se que a União dos Moradores e do Comércio de Paraisópolis também atuou em conjunto com o G10 Favelas.

As ações de enfrentamento da pandemia em Paraisópolis encaixam-se no conceito de Redes de Solidariedade e Afeto na medida em que, através de processos de autogestão e atuação em rede, visavam salvar o maior número de vidas possível. Segundo o Instituto Pólis (2020), a mobilização comunitária viabilizou um melhor controle local da Covid-19, em comparação com o distrito da Vila Andrade e o município de São Paulo.

5. DISCUSSÃO

Por meio da Teoria Ator-Rede (LATOUR, 2012), foi possível mapear os atores atuantes na realização de ações de combate à pandemia na comunidade de Paraisópolis. A análise das narrativas

disponíveis no Google e Youtube (conteúdos de sites institucionais ou entrevistas concedidas pelas suas lideranças) abarcou os seguintes atores: Gilson Rodrigues, presidente do G10 Favelas; Suéli Feio, idealizadora do projeto Costurando Sonhos; Emerson Barata, membro da Associação dos Moradores de Paraisópolis; Danielle Klintowitz, coordenadora do Instituto Pólis e Agência Mural, uma agência informativa focada nas periferias. A sistematização dos conteúdos resultou na identificação de três temas centrais, conforme descrito no quadro abaixo:

Categorias	Principais conteúdos
Vulnerabilidade	<ul style="list-style-type: none"> – Paraisópolis é uma das regiões mais pobres do país, apresentando uma renda per capita 18% inferior à média brasileira; – A favela conta apenas com 3 postos de saúde para atender 100 mil habitantes; – O desemprego atinge cerca de 15% da população local; – Dentre a população, as mulheres são as mais vulneráveis, com taxa de desemprego de 32%. – O SAMU não chega em Paraisópolis; – A parceria para a confecção de máscaras de proteção facial é importante para as mulheres da iniciativa “Costurando Sonhos”, pois se torna fonte de renda para essas mulheres, muitas vezes vítimas de violência doméstica.
Autogestão comunitária	<ul style="list-style-type: none"> – A comunidade se dividiu em 420 presidentes de rua para informar a população, acompanhar de perto os casos de Covid-19 e fazer encaminhamentos – cada líder cuida de pelo menos 50 casas; – O G10 Favelas elaborou um site para dinamizar as doações; – O G10 Favelas contratou ambulâncias para atuarem exclusivamente em Paraisópolis; – Houve distribuição de máscaras de proteção facial e cestas básicas na comunidade; – Moradores locais colocaram avisos nas portas das residências para ajudar a identificar as moradias onde residiam pessoas idosas e do grupo de risco da Covid-19, a fim de facilitar o isolamento e a ajuda comunitária; – Foram criadas duas casas de apoio em escolas da comunidade para isolar os infectados e prestar apoio durante o isolamento; – A autogestão na comunidade já é antiga, e este fato ajudou no desenvolvimento de ações de combate à Covid, assim como no sucesso destas ações; – Moradores voluntários passaram por um processo de capacitação para atuarem como socorristas dentro da comunidade.
Dificuldades de Gestão	<ul style="list-style-type: none"> – Havia moradores que não levavam a sério a ameaça da pandemia; as falas do presidente Jair Bolsonaro, minimizando a gravidade do vírus, exerceram influência nessa postura; – Com o tempo, houve queda das doações, que são fundamentais para as ações, o que dificultou a continuidade das medidas em Paraisópolis.

Quadro 1: Síntese dos conteúdos segundo as principais temáticas abordadas/ Fonte: elaboração própria

Esses resultados nos permitem observar alguns aspectos, tais como a alta vulnerabilidade da população local (sendo as mulheres apontadas como mais vulneráveis), mas também a eficiência das estratégias de enfrentamento da pandemia, através das redes de solidariedade e autogestão comunitária. Importante notar que o processo exitoso de entreejuda não foi construído a partir de *tabula rasa*, já que, segundo as narrativas, tomou como base processos de autogestão que já existiam localmente. Dentre as dificuldades, destacam-se os impactos gerados pela desinformação, inclusive aquela proveniente do próprio governo, bem como a falta de “fôlego” para manter as iniciativas por um longo período de tempo.

A análise da rede de atores permite também explorar, ainda que preliminarmente, as relações entre a comunidade e o Estado: este aparece como uma “ausência” e como fonte de desinformação, no caso do governo federal. Não há relatos de apoio estatal à iniciativa e, pelo menos nas buscas até agora empreendidas no Google e Youtube, não foram encontradas manifestações de atores do poder público sobre o caso de enfrentamento em Paraisópolis. Ainda que estas existam, não foram por enquanto encontradas, o que nos conduz à hipótese de silenciamento do Estado, em suas diferentes esferas, perante uma experiência que poderia lhe servir como modelo.

A luz do marco teórico, o mapa de atores nos remete, por um lado, à colonialidade do poder, dada a vulnerabilidade local e a extrema desigualdade de condições herdada da divisão moderno/colonial do mundo - que se revela nas relações entre países, mas também entre regiões de uma mesma cidade. Apesar disso, Paraisópolis baseou-se nos saberes já disponíveis na comunidade para gerar estratégias de enfrentamento que, pelo menos até o momento, não parecem ter reverberado junto ao poder público. A experiência da comunidade praticamente não foi aclamada por atores de fora dela: certamente

Paraisópolis ganhou visibilidade nas mídias com o êxito de suas ações, abrindo espaço para a manifestação dos atores locais; no entanto, tratou-se de uma visibilidade temporária. As buscas na internet por conteúdos mais recentes ligados ao G10 Favelas mostram uma inclinação maior para questões de cunho econômico do que para o combate à pandemia.

Em síntese, os aprendizados gerados pela experiência comunitária de Paraisópolis não parecem ter inspirado atores públicos na tomada de decisões acerca da pandemia, ainda que os resultados derivados das iniciativas tomadas pela comunidade tenham, em determinado momento, levado a melhores resultados de enfrentamento do que os conseguidos pelo município de São Paulo como um todo. Diante desse contexto, podemos apresentar no mínimo duas razões: falta de interesse em adotar ações efetivas no combate à pandemia (em especial nas periferias) e a desvalorização da experiência comunitária em questão. A última nos remete à relação com a lógica da colonialidade do saber, bem como ao “desperdício de experiências” apontado por Boaventura Santos, que defende o diálogo de atores provenientes de diferentes “mundos” para encontrarmos novas respostas aos dilemas que atravessam a nossa sociedade, através da ecologia de saberes. Parece-nos que o desprezo desta experiência (que se tornou famosa nacionalmente e se mostrou eficiente), deve-se, dentre outros motivos, ao fato de serem conhecimentos gerados dentro de uma periferia, sem relações com o meio acadêmico ou com os grandes circuitos financeiros e de poder da região.

5. CONCLUSÃO

Ao prezar pela lógica da colonialidade, em detrimento da ecologia de saberes, nosso meio social desperdiça oportunidades de aprendizados que, aplicados ao caso estudado nesta pesquisa, poderiam ter contribuído para evitar o cenário catastrófico registrado no Brasil, em relação ao número de vítimas pela Covid-19. Paraisópolis mostra-nos que existem possibilidades de se construir um mundo em que a lógica individualista não seja predominante (ou pelo menos não tão dominante), caracterizado por valores mais solidários. Defendemos a hipótese de que, em situações de crise, quanto mais se envolve a coletividade na busca de soluções, melhores são os resultados. Destacamos, por fim, que esta pesquisa não se encerra por aqui: pretendemos dar-lhe continuidade, preencher suas lacunas e fazer novas descobertas. Para tanto, se planeja avançar com o mapeamento de atores e realizar atividades de campo na comunidade de Paraisópolis, no âmbito da equipe interdisciplinar que atua no projeto ENDURE.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DIAS, Erica; GITAHY, Leda. **Redes de Solidariedade e Afeto: a defesa da vida em tempos de COVID-19. Observatório da Imprensa.** Disponível: <http://www.observatoriodaimpresa.com.br/coronavirus-covid-19/redes-de-solidariedade-e-afeto-a-defesa-da-vida-em-tempos-de-covid-19/>. Acesso: 18 de julho de 2022.
- G10 DAS FAVELAS – **Bloco de Líderes e Empreendedores de Impacto Social das Favelas.** Disponível: <http://www.g10favelas.org/#>>. Acesso: 18 de julho de 2022.
- G10 FAVELAS - **Alimentados pela crença de que um Brasil melhor é possível.** Disponível: <https://g10favelas.com.br/>>. Acesso: 18 de julho de 2022.
- INSTITUTO PÓLIS. **Paraisópolis tem melhor controle da pandemia que o município de São Paulo.** 2020. Disponível: <https://polis.org.br/noticias/paraisopolis/>>. Acesso: 18 de julho de 2022.
- LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à Teoria Ator-Rede.** Salvador/Bauru: Adufba/Edusc, 2012.
- MAFFRA, Luciana. **Paraisópolis: impressões visuais e sonoras.** 2012. Dissertação (Mestrado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Acesso: 19 de julho de 2022.
- NDLOVU, Morgan. Por que saberes indígenas no século XXI. Uma guinada decolonial. **Revista Epistemologias do Sul**, 2017, p. 127-144.
- RESTREPO, Eduardo; MARTÍNEZ, Axel. Introducción. Inflexión decolonial: características e historia. In: Restrepo, E. e Martínez, A., **Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos.** Popayán: Universidad del Cauca, 2010, p. 13-37.
- SANTOS, Boaventura. **A gramática do tempo, Para uma nova cultura política.** São Paulo: Cortez, 2006.
- SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula. Introdução. In: Santos, B. e Meneses, M., **Epistemologias do Sul.** Coimbra: Almedina, 2009, p. 9-13.